



## **DOCÊNCIA & EMPREENDEDORISMO: NOTAS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE PERFIS FEMININOS E MASCULINOS NA REVISTA NOVA ESCOLA**

Dalva Verônica Mendonça Santana<sup>1</sup>

As transformações na vida contemporânea e os novos cenários em que se realiza o trabalho possibilitam, sob as lentes dos Estudos Culturais, um campo fértil para pensar as articulações entre empreendedorismo e docência. Na contemporaneidade os professores são convocados a empreenderem em si, buscando qualificação contínua.

Muitas das representações relativas ao trabalho, à produção e às identidades dos trabalhadores se vinculam à chamada “modernidade sólida” e a um conjunto de condições mais estáveis e duradouras de relacionamento entre empregadores e empregados. No entanto, nos deparamos, na atualidade, com formas cada vez mais frequentes de pensar e de organizar o trabalho estabelecido em condições de instabilidade, de flexibilidade, considerando cenários de curto prazo e respostas ágeis às demandas de consumo.

As múltiplas transformações que se processam nas relações entre *trabalho* e *capital* ajudam a entender as (re) significações e os usos contemporâneos da palavra *empreendedorismo*. Observo, por exemplo, que essa é a proposição central de Bauman (2008) no texto *Ascensão e queda do trabalho*, no qual o autor apresenta cenários da chamada “modernidade pesada” ou “sólida”, discutindo, por exemplo, o Fordismo e o Taylorismo e seus modelos de produtividade. O autor nos diz que, nestes modelos, os tempos eram de longo prazo, e havia uma relação de dependência e de compromisso entre trabalho e capital. Ele exemplifica esse aspecto dizendo que qualquer trabalhador que entrasse na Ford, via de regra, iria se aposentar na mesma empresa.

Como docente de ensino superior do campo da Administração e como mestrandia de um programa de Pós-Graduação em Educação, observo que certas palavras como “flexibilidade”, agilidade, mudança fazem parte de nosso cotidiano, em tempos atuais. Uma nova forma de gestão do tempo, assentada em especial na instantaneidade e na conectividade, convoca-nos a sermos ágeis, maleáveis e, mais do que nunca, empreendedores de nós mesmos e de nossos currículos.

Mas, o que o termo “empreendedor” designa, em nosso dia a dia? Como ele é (re) significado, quando o assunto é a docência, uma vez que essa profissão se vincula as estruturas

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação – ULBRA e professora do curso de Tecnólogo em Logística da ULBRA e professora do curso de Administração da FAE. dalva.santanna@terra.com.br.



duráveis e modelos “sólidos”, instituídos na modernidade? Pensando nestas questões, retomo alguns aspectos conceituais, relacionados ao empreendedorismo. Maximiano (2006) destaca que

a ideia de um espírito empreendedor está de fato associada a pessoas realizadoras, que mobilizam recursos e correm riscos para iniciar organizações de negócios. Embora existam empreendedores em todas as áreas da atividade humana, em seu sentido restrito a palavra designa a pessoa que cria uma empresa - uma organização de negócios. (p. 2).

Nesta acepção, voltada especificamente para o empreendimento em negócios específicos – uma empresa, por exemplo – pode-se dizer que o sujeito empreendedor é descrito como aquele que está disposto a realizar coisas e a correr riscos. Esta parece ser também a perspectiva de Shane e Baron (2007), para quem empreender

significa entender como surgem as oportunidades para *criar* algo novo (novos produtos ou serviços, novos mercados, novos processos de produção ou matérias-primas, novas formas de organizar as tecnologias existentes); como são *descobertas* ou criadas por *indivíduos específicos* que, a seguir, usam meios diversos para *explorar* ou *desenvolver* essas coisas novas, produzindo assim uma ampla gama de *efeitos* (, p. 6).

Nesta conceituação, empreender requer que o sujeito analise as circunstâncias, reconheça as oportunidades de criar algo e utilize meios para empreender.

Este rápido olhar sugere que empreender é parte das “competências” consideradas desejáveis para os trabalhadores contemporâneos. É neste leque de possibilidades para pensar o termo empreendedorismo que se situa este artigo, que objetiva discutir alguns entrelaçamentos entre docência e gênero, e suas vinculações ao conceito de empreendedorismo. Para discutir tais vinculações, analiso seis edições da revista *Nova Escola*, periódico brasileiro criado em 1986, destacando neste texto apenas alguns aspectos que esta análise possibilita.

A Revista *Nova Escola* é seguramente o periódico mais conhecido por um segmento ocupacional específico, vinculado ao magistério. É importante considerar que a docência caracteriza-se por apresentar uma elevada demografia, conforme salientam Costa e Silveira (2006).

A revista *Nova Escola* tem uma complexa rede de distribuição que conta com uma versão impressa, e também uma versão disponível integralmente no site. Assim, é possível acessar os conteúdos da edição de cada mês do ano em curso, e, inclusive de anos anteriores<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> O leitor (a) pode ainda receber as dicas e a agenda pelo celular e pode contar pelo serviço de RSS - é um sistema automático de distribuição de conteúdo. Esta novidade do RSS tem as seguintes opções: [FeedReader](#), [RSS Reader](#) e [NetNewsWire](#) (para Macintosh), e os gratuitos on-line [Google Reader](#) e [Bloglines](#). A revista tem um blog, chamado Widget e está no Twitter com conteúdos e novidades. Segundo Grossi, Diretor de Redação da revista *Nova Escola*, são dez edições por ano, com “folga”



### *Acenando para algumas perspectivas de gênero*

Louro (2008) afirma, em seu artigo *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*, que a expressão “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, de Simone de Beauvoir, causou um grande impacto e ganhou o mundo. Ela explica que mulheres das mais diferentes posições sociais passaram a repetir essa frase indicando que seu modo de ser e de estar no mundo não resultava de um único ato (no caso aqui, o nascimento) e sim de algo em constante construção.

Ainda nessa direção, Louro (2008), Meyer e Soares (2008) explicam que a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida, de modo explícito ou dissimulada por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. Trata-se de um processo minucioso, sutil, sempre inacabado.

As construções de gênero, na revista *Nova Escola*, demarcam o espaço do feminino de uma forma e do masculino de outra. Na contemporaneidade, essas discussões ganham ainda mais visibilidade, em diferentes artefatos que se encontram disponíveis: revistas, televisão, redes de relacionamento, blogs, etc.

Nesse sentido, a revista investe, nas suas reportagens, em certas representações que constituem diferenciadas maneiras, de ser professora e de ser professor.

Como docente de ensino superior do campo da Administração e Gestão e, especialmente, como mestrande de um programa de Pós-Graduação em Educação, observo o quanto a revista investe nesses modos de ser professora e professor nas reportagens selecionadas. A seguir apresento três aspectos que me parecem relevantes em relação a esta produção generificada da docência neste periódico: analiso, inicialmente, determinados perfis docentes, nos quais se diferenciam homens e mulheres; na seqüência, discuto o perfil empreendedor colocado em destaque pela revista, que se vincula particularmente a noção de flexibilidade no uso do tempo, ao imediatismo e à celebração do presente; por fim, mostro que o perfil docente articula-se ao empreendedorismo quando se define o saber deste profissional como um “saber fazer”.

### *Perfis generificados de docência*

A revista convoca, de modo diferenciado, os professores e professoras para investirem em si e em suas carreiras profissionais. Destaco uma reportagem na qual se apresenta Amarildo Reino de Lima, Diretor de uma escola em Samambaia, situada a 45 quilômetros de Brasília.

Quando assumi a escola, em janeiro de 2008, existia a cultura da aula pronta. Os professores tinham as atividades do ano todo planejadas em cadernos de capa amarela. Assim, repetiam as rotinas, ano após ano”,



conta Amarildo. Para acabar com a acomodação, o gestor apresentou à equipe a nova proposta de trabalho, destacando o papel que cada um teria a partir daquele momento. "A resistência foi grande, pois nenhum deles tinha experiência com aceleração", lembra. Para tornar o projeto viável, foi preciso rever dois elementos que resumem a essência da atividade escolar: "o que" e "como" ensinar. De início, era primordial definir quais conteúdos deveriam ser recuperados e revisados (tanto os que não foram aprendidos como aqueles que foram esquecidos) e quais deviam ser aprofundados para que ocorresse, posteriormente, uma reintegração eficiente (Revista *Nova Escola*, edição n. 228/2009, p. 68-71).

No excerto em destaque o gestor apresenta seu projeto de trabalho e, na sua fala, é recorrente o uso das *expressões* “o que” e “como”. Isso se relaciona diretamente a tradição pedagógica, mas, na atualidade, adquire novos matizes. A revista apresenta uma foto do diretor Amarildo, em ação, acompanhada da seguinte manchete: *Novas Práticas: Amarildo tirou muitos alunos da condição de fracasso escolar ao rever "o que" e "como" ensinar.*



Figura 1: Revista *Nova Escola* edição 228

Este diretor é apresentado em meio a um grupo de alunos, interagindo diretamente com os destinatários do projeto. Ele se destaca individualmente na foto, como personalidade e como um modelo a ser seguido. Chama a atenção o fato de que o professor da turma não aparece na imagem e nem há menções a um “trabalho em equipe”. O gestor é mostrado no cenário escolar e, na imagem acima, a sala de aula dá o tom, e mostra que ele participa e monitora de perto o que acontece neste cenário. Ainda explorando a imagem, o diretor Amarildo se apresenta disponível, sorridente e aparentemente satisfeito com a função que desempenha. Ao vincular o gestor ao contexto de sala de aula, a reportagem o posiciona como alguém que tem pleno controle do espaço onde atua, diferente de algumas cenas escolares que exibem professoras mulheres, num caótico cenário em que parecem perder totalmente o controle.

Em outra reportagem da mesma edição, intitulada *Bullying – chega de omissão* a protagonista é a professora Maria de Lourdes, que aparece na sala de aula, junto aos seus alunos, e



neste caso ela está trajando um jaleco. O que pretendo afirmar, neste caso, é que, sendo uma mulher na cena escolar, a presença do guarda-pó parece vinculá-la ao cuidado, algo considerado “essencialmente” feminino. Seria possível imaginar um professor trajando um jaleco?



Figura 2: Revista *Nova Escola* edição 228

A professora Maria de Lourdes é apresentada num contexto privado, e a reportagem acentua que ela é uma docente persistente, atenciosa e dedicada, e preocupada em prevenir alguns “riscos”, explicando, então, à sua turma a questão do *bullying*.

Observei que há certa tendência na revista em retratar professores e gestores bem alinhados, numa estética considerada desejável para o cargo. Por outro lado, quando se trata de professoras, aparentemente o aspecto estético se torna dispensável, uma vez que está em foco, efetivamente, o cuidado, o zelo, o esforço, e alguns atributos que, por vezes, são de ordem moral, aspectos vinculados historicamente ao feminino. Essas imagens parecem nos dizer que elas “dão conta” do recado, elas se dedicam inteiramente à docência. Imagens de professoras, neste contexto, assemelham-se àquelas tradicionalmente associadas a mães e avós. Também se ressalta em outros textos que analisam a revista *Nova Escola* (tal como COSTA; SILVEIRA, 2006; ANADON; GARCIA, 2004) que, as professoras, são mostradas tendo sempre a sala de aula como pano de fundo e os professores, na maioria dos casos, são mostrados num contexto mais amplo, tal como o pátio, os auditórios, salas de reunião) espaços que lhes conferem maior visibilidade e reconhecimento.



### *Um perfil empreendedor para a docência*

Observo, ao analisar as reportagens deste periódico, que os problemas decorrentes destes tempos flexíveis<sup>3</sup> são apresentados como “oportunidades” a serem aproveitadas. Nesta direção, o “capital” que parece movimentar essas novas engrenagens são as *ideias*, capazes de gerar projetos e negócios lucrativos e, no caso da docência, podem gerar aulas atrativas, metodologias inovadoras, práticas reinventadas através de tecnologias.

Dentre as muitas reorganizações que ocorrem nestes tempos, talvez uma das mais significativas seja o borramento das fronteiras entre trabalho e lazer, que antes figuravam de maneira quase oposta e que agora se confundem. Isso porque o trabalho pode ser realizado em diferentes lugares – descolando-se do escritório, da universidade, da fábrica, e também porque muitos dos empreendimentos baseados em “grandes ideias” são apresentados como um “divertimento”, como algo que proporciona prazer e, ao mesmo tempo, gera lucros. No sentido de ilustrar tal argumento, trago o seguinte recorte da Seção Caixa Postal (e-mails e cartas), edição nº 228: *Sou professora há 20 anos e minhas turmas não fazem cópia do quadro porque dedico bastante tempo com planejamento e confecção de materiais variados. Dá trabalho, mas o esforço é compensado.*

Este excerto é significativo para mostrar que a docência não está circunscrita ao tempo em que se está na escola – esse trabalho estende-se para outros momentos da vida do docente. Nas palavras da professora, encontro alguns achados que reforçam ainda mais esse borramento de fronteiras entre o trabalho docente e o tempo livre. Em algumas expressões, tais como: dedicação, esforço, tempo de planejamento e confecção de materiais variados parece, em certa medida, que a revista nos convoca a expandir o trabalho docente para o “reino” do tempo livre. Ao falar que as suas turmas não copiam do quadro observo que há um acento no esforço dedicado pela professora, e ao bom aproveitamento do tempo. Há, possivelmente, de maneira imperceptível, uma breve alusão à empregabilidade: ela se sente feliz por ter uma ocupação e investe nela todos os seus esforços. Ao que parece, existe uma concepção naturalizada de que a docência é um investimento de turno integral, que absorve o sujeito em todos os âmbitos de sua vida. Algo que acontece, também, em profissões médicas, e que aí se articula a noção de missão. Essa noção sustenta, em certa medida, a

---

<sup>3</sup> Flexibilidade designa essa capacidade de ceder e recuperar-se da árvore, o teste e restauração de sua forma. Em termos ideais, o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas por SENNETT. A corrosão do carácter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 13º ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 66).



surpresa que produz uma greve de professores, pois este ato parece ser contraditório a uma identidade forjada a partir de aspectos como abnegação, missão, vocação.

### *Considerações Finais*

A análise destas edições da revista mostra que existem importantes entrelaçamentos entre docência e empreendedorismo. Tal aspecto se mostra de modo especial na retórica do “saber fazer” presente na maioria das reportagens. Em outras palavras, há um apelo recorrente a um certo “saber” que se vincula a um “fazer” sempre renovado. Saber fazer é, em suma, empreender em si e em sua carreira.

Ao ler, por exemplo, a reportagem de capa “50 ideias para 2010”, vejo que, algumas *expressões* são marcantes e aprecem ensinar como exercer a docência:

- “Adapte o currículo da rede à realidade”
- “Administre bem o horário de trabalho”
- “Reorganize a sala de acordo com a tarefa”
- “Transgrida e mude sua prática”
- “Negocie acordos com a garotada”
- “Use tecnologias na sala de aula”

É interessante observar que esses “conselhos” são apresentados em linguagem imperativa e as ações são prescritivas, servindo como um guia prático, um “passo a passo” que não possibilita negociações. Estes conselhos se vinculam a características hoje identificadas como atitudes empreendedoras, e presentes em diferentes contextos: adaptação, negociação, flexibilidade, transgressão para melhorar o trabalho (inove, mude), parcerias, iniciativa, ousadia, agilidade, uso de tecnologias, gestão do tempo, realização de diversas ações simultâneas, reorganização do espaço, antecipação de demandas e de respostas (esteja sempre na frente, seja visionário) uso de estratégias de planejamento e gestão, etc.

Cabe ressaltar, como fazem Costa e Silveira (2006), que a revista investe em sugestões diretas, como um guia prático, para orientar seus possíveis leitores. Observo que se disponibilizam espaços de interação com os leitores (as), nos quais o público pode indicar assuntos a serem abordados das edições seguintes, e isso quase sempre implica em trazer para a cena alguns especialistas, aqueles sujeitos que falam de um lugar autorizado e, respaldados por instituições sociais e saberes de diferentes ordens, explicam, caracterizam, ensinam como proceder. Esta é também uma característica de discursos vinculados ao empreendedorismo – aprender com a experiência de outros e, a partir daí, inovar e criar.



Observo que a revista *Nova Escola* convoca os professores e professoras a empreender, a investir em si e, talvez por ser um periódico endereçado aos docentes da educação básica, utiliza, em grande maioria, exemplos femininos nas reportagens, e mostra certas faces de sucesso de mulheres em sala de aula. Trago a seguir dois exemplos que colocam em cena mulheres e homens. Em uma de suas reportagens intitulada “estudar faz bem a carreira”, o universo apresentado se constitui de mulheres e, a questão em destaque nessa reportagem é a do aperfeiçoamento: “quem trabalha com o conhecimento, nunca pode deixar de estudar” e a revista nos conta que o número de professores que voltaram a estudar cresce cada vez mais! Elas estão em um espaço vinculado ao âmbito privado.

Ainda na mesma edição, uma reportagem intitulada “eles podem inspirar a busca por soluções” mostra um cenário de âmbito externo, e destacam-se modelos de professores brasileiros que alcançaram sucesso fora do país. Ressalta-se, na reportagem, a importância do investir em si: formação completa, ensinar com qualidade e aprender sempre.

Por fim, observo que a revista se direciona, de maneira distinta, a professores e professoras: elas são convocadas a investirem em si no âmbito da sala de aula, enquanto eles adquirem visibilidade por estratégias de sala de aula, porém, num cenário bem mais ampliado.

### *Bibliografia*

- ANADON, Simone Barreto; GARCIA, Maria Manuela Alves. Trabalho escolar e docente nos discursos educacionais da Revista “Nova Escola”. ANAIS 1º SBECE – PPGEduc Ubra – 2004. p. 2-8
- BARON, Robert A.; SHANE, Scott A. *Empreendedorismo: uma visão do processo*. Tradução de All Tasks. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*. Traduzido por José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A Revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas para o magistério. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). *O Magistério na Política Cultural*. Canoas: ULBRA, 2006. p. 19-68.
- FIGUEIRA, Márcia Luiza M. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes. In: LOURO, G. e outros (orgs.). *Corpo Gênero e Sexualidade*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 124-35
- MAXIMIANO, Amaru César Antônio. *Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.
- MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. e outros (orgs.). *Corpo Gênero e Sexualidade*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 9-27.



REVISTAS *Nova Escola*, abril, edições 223-8 ed. jul.-dez. 2009.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 13.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.